

***A SMALL PLACE, DE JAMAICA KINCAID:***  
**O DESPERTAR DA VOZ DE ANTÍGUA**

*Laurenci Barros Esteves\**  
*Isaias Francisco de Carvalho\*\**

**RESUMO:** O trabalho objetiva analisar a obra *A small place* (1988), da escritora caribenha Jamaica Kincaid, por meio dos níveis de outrização produtiva e reativa, conforme proposição de Isaias Carvalho (2003; 2012), observáveis nessa narrativa. Também se contribui para a apresentação da narrativa dessa escritora à comunidade acadêmica e de leitores brasileiros, na perspectiva da problematização das consequências do colonialismo britânico na construção da história de Antígua, o modo como é narrada nessa obra pós-colonial, além da descrição das principais características da autora-narradora evidenciadas pela relação estabelecida entre esse texto e o público ao qual se destina. Para tanto, o embasamento teórico utilizado engloba, entre outros do campo dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, os trabalhos de Compagnon (1999) e Fanon (1967).

**PALAVRAS-CHAVE:** Caribe; Literatura Anglófona; Outrização produtiva; Pós-Colonial.

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduado em Letras com habilitação em língua portuguesa, língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

\*\* Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Professor de Literaturas Anglófonas e de Língua Inglesa, vinculado aos programas de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações e Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

## Introdução

*I was brought up to understand that English traditions were right and mine were wrong. Within the life of an English person there was always clarity, and within an English culture there was always clarity, but within my life and culture was ambiguity*

Jamaica Kincaid

Estudar Jamaica Kincaid implica uma imersão nos estudos da literatura pós-colonial e no plano dos estudos voltados para a subalternidade, principalmente a subalternidade feminina. A escritora, cujo nome de batismo é Elaine Potter Richardson, nasceu no ano de 1949, em Antígua, uma pequena ilha caribenha cuja economia é sustentada principalmente pelo turismo. Ao pequeno lugar, uma ex-colônia da Inglaterra, e à sua população, foram impostos os princípios e a cultura do império britânico. As impressões da autora caribenha sobre a sua própria vida nesse contexto, sufocada pelo espírito do “branco europeu”, figuram em obras literárias como *A small place* (1988) e *Lucy* (1990).

A partir da análise de *A small place*, obra que constitui o *corpus* desta pesquisa, propomos a exposição de parte do universo que influenciou Kincaid a escrever um de seus mais famosos textos. Busca-se, ainda, identificar que tipo de outrização (SPIVAK, 1985) se dá em *A small place* e explorar aspectos concernentes à voz da narradora na obra, bem como ao colonialismo e a relação entre Kincaid e o seu leitor.

### On reading Jamaica Kincaid for the first time

A trajetória de Jamaica Kincaid como escritora teve início nos Estados Unidos, quando ela deixou o trabalho de babá para se aventurar como estudante de fotografia na *New York School for Social Research*. Posteriormente, também frequentou a *Franconia College*, em *New Hampshire*. Começou a escrever para a revista *Ingenu*, ainda na década de 1970, e mudou de nome em 1973, uma vez que os seus familiares desaprovavam os seus textos. Kincaid também trabalhou por muitos anos no jornal *The New Yorker*, casando-se com o filho do editor do periódico, Allen Shawn, um professor universitário, com o qual teve dois filhos. Publicou mais de dezoito livros, grande parte de caráter autobiográfico, e

atua, hoje, como membro do corpo docente da Universidade de Claremont McKenna e da Academia Americana de Letras e Artes (BONGIORNI, 2002, *online*).

Alguns dos traços mais distintivos das produções literárias de Kincaid são o ódio, a revolta e a intensa crítica direcionados à Inglaterra, assim como a conturbada relação que a escritora mantinha com a mãe, o que foi explorado em obras como *Annie John* (1985) e *The autobiography of my mother* (1996).

Em *On seeing England for the first time* (1991), um dos textos mais notórios da caribenha e que dá título a este primeiro momento de nosso estudo, Jamaica Kincaid descreve períodos de sua infância nos quais é latente o imperialismo cultural imposto à população de Antígua, o que se dá desde o sistema educacional da ilha:

Quando eu vi a Inglaterra pela primeira vez eu era uma criança, na escola, sentada em uma carteira. A Inglaterra para a qual eu olhava estava disposta sobre um mapa, gentilmente, lindamente, delicadamente, uma joia muito especial; ela estava em uma cama de cor azul-celeste – o fundo do mapa – com uma forma amarela que era misteriosa, pois embora ela parecesse com a perna de um carneiro, não se assemelhava em nada com uma coisa tão familiar como a perna de um carneiro, pois era a Inglaterra – com as suas nuances em rosa e verde, diferentes de quaisquer outras nuances de rosa e verde que eu havia visto antes, com as suas rabiscadas veias vermelhas correndo para todas as direções. A Inglaterra era com certeza uma joia especial, e só pessoas especiais poderiam usá-la. As pessoas que podiam usar essa joia eram os ingleses. Eles a usavam bem e a usavam em todos os lugares [...]. Quando minha professora pregou o mapa no quadro negro, ela disse: ‘Esta é a Inglaterra’ – e ela falou com autoridade, de forma séria e com adoração, então nós nos sentamos. Foi como se ela tivesse dito: ‘Esta é Jerusalém, o lugar para onde vocês vão quando morrerem, mas só se vocês tiverem sido bonzinhos.’ Foi aí que entendemos – e deveríamos entender – que a Inglaterra seria nossa fonte de mitos e a fonte de onde retirariamos o nosso senso de realidade, o nosso senso do que era significativo, o nosso senso do que não tinha sentido – e muito sobre as nossas próprias vidas [...]. (KINCAID, 1990, p. 364-365; tradução nossa).

O trecho de *On seeing England for the first time* destacado acima traduz de modo apropriado o espírito colonizador que se tornou a realidade da pequena Elaine Richard-

son e de milhares de outras pessoas, negras ou brancas (certamente mais negras do que brancas), que viveram sob a luz da cultura e dos costumes da nação dominante.

Nesse cenário, não podemos deixar de fazer referência a Gayatri Spivak (1985), citada por Isaías Carvalho (2012), que inaugurou uma nomenclatura para esse processo de subjugação do outro a uma determinada cultura. Falamos, aqui, do processo de “outrização”, ao fazer referência ao “outro” que era subjugado e subalternizado pelo colonizador no contexto da colonização da Índia pelo império Britânico no século XIX. Segundo Carvalho (2012), o termo “outrização”, como significante único, implica um processo focado em práticas discursivas de positivação da identidade de um grupo, em detrimento profundo de outro grupo. Carvalho, em sua pesquisa, trabalha com as outrizações produtiva e reativa, concepções de grande importância para esta pesquisa.

### Com a palavra, Jamaica Kincaid

Muitas das impressões da autora sobre sua trajetória e motivações foram exploradas em uma entrevista concedida ao repórter Kay Bonetti, do sítio literário *The Missouri Review*. Em um dos momentos da entrevista, o repórter questiona Kincaid sobre ela ter feito algo tipicamente americano ao ter se arriscado quando foi viver nos Estados Unidos. Em resposta, a escritora afirmou:

Que bom eu ter partido para o território americano e não para o britânico. Eu não creio que eu teria tido a permissão para realizar esse ato de autoinvenção, que é bem americano, lá na Europa – certamente não na Europa em que se fala inglês. Quando eu vim para a América, eu cheguei de um lugar onde a maioria das pessoas se parecia comigo, então eu não estava muito preocupada com a cor da minha pele. Se eu tivesse ido para a Inglaterra eu só poderia ter me preocupado com isso. (KINCAID, 2002, p. 1, tradução nossa).

Para Kincaid, ainda conforme o que foi dito na entrevista ao *The Missouri Review*, sair de Antígua foi um passo necessário para que ela se tornasse uma escritora. Até mesmo a oportunidade de se tornar escritora surgiu na vida de Kincaid por acaso, quando ela

foi trabalhar como babá nos Estados Unidos, algo que ela não acredita que teria acontecido caso ainda vivesse em sua terra natal:

[...] Não é por acaso que a maioria dos escritores caribenhos não passa toda a vida no Caribe. O Caribe é a fonte da arte deles, mas eles não conseguem viver lá. O lugar é repleto da corrupção mais suja que já se viu. Quem vive lá se torna obcecado por política e quase sempre para de escrever. E não há como culpá-los, entende? Simplesmente não há como viver lá e escrever. As pessoas não leem de modo algum. Elas têm TV a cabo, graças à América. Não daria para sobreviver lá, não haveria como se manter economicamente, só para início de conversa. E também não teria o sustento espiritual. Esses lugares não sustentam as pessoas [...]. Em parte, mudei meu nome para que eles não soubessem que eu estava escrevendo. Eu tinha medo de ser vítima de chacota, embora isso nunca fosse me deter. Nada me impediu de fazer o que quero. (KINCAID, 2002, p. 1, tradução nossa).

A conturbada vida familiar da pequena Elaine é relevante nesta pesquisa, pois as memórias são, nos trabalhos da autora, matéria-prima de onde brota inspiração. De fato, esse é o ponto-chave para que, no futuro, Jamaica Kincaid surgisse. Em entrevista, a escritora fez algumas revelações a esse respeito:

A minha família... a minha mãe e o meu padrasto planejaram vidas distintas [para nós]. Meus irmãos se tornariam homens realizados, um iria ser o Primeiro Ministro, o outro um médico, um outro seria Ministro, e por aí vai. Eu nunca ouvi ninguém dizer que eu seria algo, exceto talvez uma enfermeira. Não havia um grande futuro para mim, não havia nada planejado. De fato, a minha educação foi tão casualmente interrompida que a minha vida poderia muito bem ter sido destruída por conta desse fato casual, o que poderia ter ocorrido se tivessem me tirado da escola [...]. (KINCAID, 2002, p. 1, tradução nossa).

O espírito de independência e de inquietação com a sua própria realidade foram fatores-chave para a formação do caráter e dos princípios da jovem moça de Antígua. Nada deteve Jamaica Kincaid, que produziu uma arte; literalmente representante do grito do homem e da mulher marcados pela subalternidade.

A partir desse viés, bem como embasado em outros teóricos responsáveis por estudos sobre o pós-colonialismo, subalternidade e cultura, propomos uma abordagem crítico-analítica para o *corpus* adotado neste trabalho.

### **A relação entre os críticos especializados e a escritora**

O trabalho de Jamaica Kincaid, em geral, foi e ainda é muito bem recebido pela crítica especializada. Na capa e na contracapa do livro *A small place*, por exemplo, são destacadas críticas publicadas em jornais como o *The New York Times*, *Los Angeles Times* e *San Francisco Chronicle*. Algumas dessas críticas podem ser lidas ao longo desta reflexão.

Para Michiko Kakutani, do *The New York Times*, “[...] Kincaid escreve com paixão e convicção... [com] a compreensão de uma poeta sobre como a política e a história, acontecimentos públicos e privados se sobrepõem e são obscurecidos.” (KINCAID, 1988, *online*, tradução nossa). Já para Caryl Phillips, em *A small place* há “[...] uma prosa rica e evocativa que também é ao mesmo tempo urgente e poética... Kincaid é uma testemunha do que está acontecendo em nosso quintal [o Caribe], e eu confio nela.” (KINCAID, 1988, *online*, tradução nossa).

Entretanto, críticas negativas também foram tecidas às produções literárias de Kincaid, e aqui nos dedicaremos à que foi escrita por Anthony Bongiorno, da Universidade de Brown.

Bongiorno (2002) considera que Kincaid se esquece da responsabilidade que deveria ser atribuída à própria população, e não aos britânicos, diante do governo corrupto da ilha de Antígua. Sob essa perspectiva, o crítico afirma que:

Certamente há várias questões pós-coloniais com as quais Kincaid tem todo o direito de estar chateada. Entretanto, é errado optar por atribuir a culpa aos seus próprios leitores, bem como culpar indevidamente os britânicos pelos males atuais de Antígua. Os leitores dela não são mais responsáveis pelos problemas de Antígua do que ela própria. Os britânicos não podem ser eternamente punidos pelos erros cometidos no colonialismo. Ninguém na Grã-Bretanha levou um oficial do governo de Antígua a receber milhões em propina para permitir a instalação de uma usina industrial

(*A small place*, p. 66). Ninguém levou as pessoas próximas ao primeiro ministro a chefiarem um bordel (p. 59). Essas pessoas fizeram o que fizeram porque queriam o enriquecimento trazido pelo crime sem ter que sofrer qualquer penalidade. O fraco sistema de fiscalização de governo em Antígua fez o custo pago pela criminalidade ser tão baixo que quase todas as pessoas podem tirar proveito disso. Por isso, os britânicos só podem ser culpados por não terem assegurado que o governo de Antígua era pleno e justo antes de terem ido embora. (BONGIORNI, 2002, p. 1, tradução nossa).

Essa amostra de crítica negativa a *A small place* possibilita que apresentemos um viés diferenciado para os contextos social, histórico e econômico da ilha de Antígua, que são, de forma explícita, pontos centrais analisados por Kincaid, não apenas em *A small place*, mas também no ensaio *On seeing England for the first time*.

Enquanto pesquisador e leitor, concordamos em parte com o posicionamento de Bongiorno (2002), o qual critica a excessiva culpa despejada pela autora sobre o povo inglês da Inglaterra contemporânea, embora consideremos que, na condição de testemunha de toda a devastação cultural provocada pelo colonialismo, Jamaica Kincaid tenha o direito de expressar tudo aquilo que sente sobre o destino de sua nação, o qual foi traçado por mãos inglesas. Ademais, no mundo moderno, a grande maioria dos povos pode votar e escolher os seus líderes, e é fato que nações ricas como a Inglaterra e os Estados Unidos continuam explorando as nações emergentes, quer seja para extrair as suas riquezas naturais, quer seja para tirar proveito da mão de obra barata oferecida por nações como a China, por exemplo.

### **Outrização em *A small place***

Nesse mosaico de vida e obra que marca o legado de Jamaica Kincaid e, consequentemente, os romances produzidos pela escritora caribenha, é necessário frisar que o foco da pesquisa aqui desenvolvida é a análise de *A small place* (1988), sob a égide da “outrização produtiva”, que, em oposição à barbárie consequente da mera outrização, oferta a “[...] proposta de uma abordagem ressignificada da memória recalcada nas relações de trocas simbólicas do colonialismo e dos neocolonialismos de hoje entre culturas de diversos terri-

tórios geográficos e imaginados.” (CARVALHO, 2012, p. 13). Cabe lembrar que, para Isaias Carvalho, “outrização” é:

[...] um conjunto de práticas e atitudes intersocioculturais que compreende o enaltecimento de uma identidade positivada de certo grupo e a violenta estigmatização e rebaixamento de outro. Nessa perspectiva, o significante singular ‘outrização’ equivale ao que Tzvetan Todorov (2010) compreende, de modo renovado, como ‘barbárie’ [...] (CARVALHO, 2012, p. 12).

Nesta pesquisa, entretanto, verificou-se a centralidade da noção de “outrização reativa”, categoria que Carvalho defende a ocorrência quando “[...] o diálogo é impedido ou intentado por meio do revide e do ressentimento, por parte da militância social, política e cultural [...]” (CARVALHO, 2012, p. 165).

Em *A small place*, ao contrário do que era esperado inicialmente, percebeu-se, na verdade, o evidenciamento da outrização reativa através da recusa da autora em dialogar com o passado obscuro de Antígua e seguir em frente, em abordar de forma ressignificada tudo o que aconteceu com o seu povo, com a sua terra, e tirar algo de produtivo desses acontecimentos. Ao contrário, Kincaid explicita o seu ódio pela Inglaterra em quase todo o decorrer da obra, como no trecho abaixo:

[...] nada pode apagar a minha raiva – nem um pedido de desculpas, nem uma grande quantidade de dinheiro, nem a morte de quem cometeu o crime – pois este erro nunca poderá ser transformado em algo correto, e apenas o impossível pode fazer com que eu me cale: será possível encontrar uma forma de fazer com que o que aconteceu [no passado] não tenha acontecido? E então, olhe para esta visita prolongada que estou fazendo ao duto de bile, olhe o quão amarga, o quão dispéptica me faz ficar o simples ato de sentar e falar dessas coisas. (KINCAID, 1988, p. 32; tradução nossa).

Todo o tom de revolta, de recusa de diálogo, de desejo por justiça e protesto, constitui a essência de *A small place* e, consequentemente, potencializa o viés adotado neste estudo. É assim que enxergamos *A small place* como um exemplar de outrização reativa



moderno, fruto do ódio e da revolta de uma mulher negra, filha de uma nação pobre, cuja cultura foi aniquilada pelo colonialismo britânico.

### **A narradora Jamaica Kincaid: a quem pertence essa voz?**

Ler textos de Jamaica Kincaid, tais como *On seeing England for the first time* e *A small place*, implica lidar diretamente com a voz de um narrador enfurecido. Em verdade, o narrador presente em ambos os textos literários citados consolida a própria voz de Kincaid, enquanto mulher antiguana, negra, vítima do colonialismo britânico, e que, acima de tudo, não tem medo de escancarar toda a raiva que sente pelo país europeu. Esse sentimento intenso e, para muitos, negativo, não deixa de ser veiculado pela voz do narrador pós-colonial, e nessa voz

[...] o caráter relacional e coletivo, a partir da experiência vivida, lhe é central, mesmo que seja uma narrativa inviável para muitos, mas que é, como nos convida a pensar Edouard Glissant [1989, p. 87], um risco que deve sempre ser corrido [...] (CARVALHO, 2009b, p. 8; grifo nosso).

Afirmamos aqui a presença dessa voz polifônica e coletiva no trabalho de Kincaid, essa voz que apresenta e escancara a realidade vivida pela população da ilha de Antígua, lugar cujos aspectos sociais e físicos são a matéria-prima para *A small place*, que, em nossa perspectiva, constitui um relato repleto de impressões pessoais sobre a terra natal da escritora caribenha. Logo, no fragmento abaixo, sinalizo o momento em que o narrador se mescla ao seu próprio povo pelo uso do pronome pessoal “nós”, o que se dá por meio de uma crítica explícita feita por Jamaica Kincaid ao seu próprio povo e a si mesma:

Antígua costumava ter uma esplêndida biblioteca, mas durante ‘O Terremoto’, o prédio [da biblioteca] foi danificado (todo mundo fala sobre o ocorrido dessa forma: ‘O Terremoto’; nós antiguanos, pois eu mesma sou uma antiguana, temos uma grande percepção das coisas, e quanto mais significativa é a coisa, mais insignificante nós a tornamos). (KINCAID, 1988, p. 8; tradução nossa, grifo nosso).

Em *A small place*, o leitor, mesmo que inconscientemente, pode enxergar com muita facilidade o perfil de quem constrói o discurso contido no livro. Essa imagem construída através das palavras é, na verdade, o *ethos* do enunciador, e pode ser entendida como a imagem projetada pelo próprio enunciador [...] durante o processo de enunciação, conforme nos mostra Maingueneau (1995), e permite ao coenunciador construir uma personalidade do enunciador por meio do discurso [...]. (ESTEVES; NASCIMENTO, 2011, p. 1).

Um exemplo de *ethos* discursivo é a imagem que o leitor criará do autor, ou enunciador, desse texto, a partir da leitura que ele, o leitor, ou co-enunciador, realiza. Colaborarão para a criação dessa imagem os fatores linguísticos (a forma como autor faz uso da língua em seu texto, se o texto não segue a norma culta e os padrões acadêmicos vigentes, se o texto está bem estruturado, se a leitura é de fácil assimilação, etc), bem como, em determinados casos, fatores extralinguísticos (a reputação do autor, a sua formação acadêmica, a sua idade etc). A partir desses fatores, cria-se, então, o *ethos* discursivo.

A percepção do *ethos* aqui definida, embora não seja o foco central desta análise, torna-se pertinente, uma vez que está diretamente vinculada à voz do narrador em *A small place*, obra em que percebemos o *ethos* de revolta, ressentimento e inconformidade (em outras palavras: outrização reativa) da autora diante do que foi imposto à sua terra natal pelos colonizadores britânicos, o que é perceptível quando Kincaid diz:

[...] nada pode apagar a minha raiva – nem um pedido de desculpas, nem uma grande quantidade de dinheiro, nem a morte de quem cometeu o crime – pois este erro nunca poderá ser transformado em algo correto, e apenas o impossível pode fazer com que eu me cale: será possível encontrar uma forma de fazer com que o que aconteceu [no passado] não tenha acontecido? E então, olhe para esta visita prolongada que estou fazendo ao duto de bile, olhe o quão amarga, o quão dispéptica me faz ficar o simples ato de sentar e falar dessas coisas. (KINCAID, 1988, p. 32; tradução nossa).

As marcas do colonialismo, impressas para sempre na memória de Kincaid, novamente trazem para a discussão de que forma a realidade e a cultura do branco foram

impostas ao negro e de que modo essa imposição implicou na erradicação da cultura de povos inteiros.

### A cor do colonialismo

Frantz Fanon, psiquiatra nascido na Martinica, em sua obra *Black skin, white masks* (1967), trata de inúmeras questões que despontam a partir das relações estabelecidas entre o homem negro e o homem branco. Por exemplo, no primeiro capítulo do livro – *The Black Man and Language* – é discutida a relação entre o homem negro e a língua, uma vez que “falar é existir para o outro” (FANON, 1967, p.1; tradução nossa).

A partir dessa linha de raciocínio defendida por Fanon, é possível afirmar que os autores pós-coloniais consolidam a sua existência e o seu pensar a partir de sua literatura, a qual recorrentemente aborda os impactos do pós-colonialismo na vida das populações, comumente negras, que habitavam as colônias. Fanon (1967) disserta, também, sobre a adaptação linguístico-comportamental dos negros ao padrão “branco”, vislumbrado como o ideal universal de realização de uma determinada língua (seja ela inglesa, francesa, portuguesa etc).

Essa realidade de dominação linguística é notável em *A small place*, conforme Jamaica Kincaid sinaliza a revolta causada pela erradicação de sua língua nativa, a qual foi substituída pela língua inglesa:

[...] não é estranho que a única língua da qual eu disponho para falar sobre esse crime é a língua do próprio criminoso? E o que isso pode realmente significar? Pois a língua do criminoso pode conter apenas a bondade da ação praticada pelo criminoso. A língua do criminoso pode explicar e expressar a ação apenas a partir do ponto de vista dele. Ela não consegue reter o horror e a injustiça causados pela ação, a agonia, a humilhação que foi infligida em mim [...] (KINCAID, 1988, p. 31-32; tradução nossa).

Todo esse processo de mudança que assolou as populações das colônias é fruto da discriminação histórica propagada pelas potências europeias ao longo dos séculos, con-

forme “[...] a civilização europeia e os seus agentes de alto calibre são responsáveis pelo racismo colonial” (FANON, 1967, p. 70; tradução nossa).

Tal viés preconceituoso de superioridade cultural e ideológica de um povo em detrimento do outro (um clichê histórico visível na relação entre o homem branco e o homem negro) pode ser analisado a partir de diversos pontos de vistas. Fanon (1967) notavelmente defende que a discriminação e a humilhação impostas ao negro surgem a partir do posicionamento do branco diante do homem colonizado. Para o psiquiatra martiniquense:

[...] *eu começo a sofrer por não ser um homem branco na medida em que o branco me discrimina*; que me torna um sujeito colonizado; que rouba de mim qualquer valor ou originalidade; que me diz que eu sou um parasita no mundo, que eu devo me adaptar ao mundo branco o mais rápido possível, e ‘que somos bestas brutas; que somos merda ambulante, os precursores hediondos da cana de açúcar e do algodão sedoso, que eu não tenho lugar no mundo’. Então, eu simplesmente vou tentar me tornar branco; em outras palavras, vou forçar o homem branco a reconhecer a minha humanidade [...] (FANON, 1967, p. 78; tradução nossa, grifo nosso).

O olhar de inferioridade através do qual o homem branco enxerga(va) o negro é recorrente no relato de Jamaica Kincaid em *A small place*. A escritora caribenha nos conta sobre a sua infância, quando frequentou uma escola dirigida por uma mulher europeia.

Então havia a diretora de uma escola para garotas, contratada pelo escritório colonial na Inglaterra e mandada para Antígua para comandar esta escola que apenas no meu tempo começou a aceitar garotas que nasciam fora do casamento; em Antígua ninguém imaginava que essa foi a forma que encontraram para manter as crianças negras longe dessa escola. Essa mulher tinha vinte e seis anos, vinda da Irlanda do Norte, não tendo ela saído há muito tempo da universidade, e ela disse a essas garotas várias vezes para que *parassem de agir como se fossem macacas que acabaram de sair das árvores*. Ninguém sequer havia sonhado que tais palavras eram palavras de racismo. (KINCAID, 1988, p. 29, tradução nossa, grifo nosso).

O racismo propagado na terra de Kincaid, a pequena Antígua, está em sintonia com a mesma discriminação presente em lugares como a África do Sul, citada por Fanon em *Black skin, white masks*, uma vez que “[...] a estrutura (econômica) da África do Sul é uma estrutura racista [...]” (FANON, 1967; p. 68, tradução nossa). É fato que na época em que Fanon escreveu a obra aqui citada, a população branca era notavelmente menor se comparada à população negra, com algo em torno de dois milhões e meio de pessoas brancas para mais de treze milhões de pessoas negras. Também é fato que essa população branca gozava de melhores condições de vida que o povo negro, o qual foi historicamente discriminado naquele país, vide o *apartheid*.

Na Antígua de Jamaica Kincaid, como na maioria dos países caribenhos e latino-americanos, os negros sempre terminam por ocupar uma posição socioeconômica inferior à do branco, o qual trata a população negra como se fosse imunda. A escritora chega a descrever em sua obra como um dentista da Checoslováquia que posava de médico em Antígua odiava a população negra da ilha:

Este homem nos *odiava* tanto a ponto de ele mandar a esposa nos inspecionar antes de sermos levados à sua presença, e ela se certificaria de que não estávamos cheirando mal, de que não tínhamos sujeira debaixo de nossas unhas e que nada mais relacionado a nós – *além da cor da nossa pele* – fosse ofender o doutor. (KINCAID, 1988, p. 28; tradução nossa, grifo nosso).

Curiosamente, nem todos os habitantes negros de Antígua atentavam para o trato discriminatório dado a eles pelos brancos, como a passagem acima revela. Fanon (1967, p. 90; tradução nossa) sinaliza esse fato ao afirmar que, mesmo no século XX, “[...] o homem negro em sua terra nativa não percebe o momento em que a sua inferioridade é determinada pelo Outro [...]”.

Ao percebermos que a cor do colonialismo (e, conseqüentemente, do pós-colonialismo também) é predominantemente negra, indagações sobre a cor do colonizador são previsíveis, embora a resposta já seja esperada: a cor do colonizador é branca. É a cor branca associada à luz, em oposição à cor negra, associada ao medo, à escuridão, à

barbárie e à violência. Mas, será possível definir qual é a cor do mundo? Será possível que todo o planeta seja ou deva ser simplesmente monocromático?

A cor branca tornou-se a cor dominante, uma vez que o homem de pele branca “[...] quer o mundo; ele quer o mundo para si próprio. Ele o escraviza. Sua relação com o mundo é uma relação de apropriação [...]” (FANON, 1967, p. 107; tradução nossa). E o homem branco conseguiu: são de cor branca a maioria das populações que habitam as maiores potências econômicas do mundo, e é a sua cor que carrega o “padrão de normalidade” difundido pela mídia e pelas religiões dominantes. Não é de se estranhar que seja para o indivíduo de cor branca que Jamaica Kincaid, expoente da literatura pós-colonial, fala em *A small place*. É para o turista branco e com poder aquisitivo que a voz de Antígua fala, grita, esbraveja e a ele que ela dirige acusações e insultos.

### O leitor-turista em *A small place*

Um dos aspectos mais notáveis presentes na narrativa de *A small place* não é apenas o modo ríspido através do qual a autora, por vezes, se dirige ao leitor, mas também tudo o que ela espera dele. Jamaica Kincaid é objetiva e sincera em todas as suas colocações, o que contribui para a construção das inúmeras acusações, as quais são destinadas a nós, leitores. Um exemplo dessa interpelação do leitor pela autora é visível logo no primeiro parágrafo do livro:

Se *voce* for a Antígua como um turista, isto é o que *voce* vai ver. Se *voce* vier de avião, *voce* vai pousar no Aeroporto Internacional V. C. Bird [...]. *Voce* é um turista e *voce* ainda não viu uma escola em Antígua, *voce* ainda não viu o hospital de Antígua. (KINCAID, 1988, p. 3; tradução nossa, grifo nosso).

Carvalho (2009a, p. 76) elaborou um questionamento que traduz muito bem o principal ponto de tensão estabelecido pela relação conflituosa entre nativos e turistas: “Como se posicionar aceitavelmente diante da cultura do outro com um olhar que convinda ao encontro e à troca ao invés da dominação e/ou da submissão?”. Para Kincaid, esse

posicionamento amistoso, que seria ideal, deu lugar a uma relação entre dominante e dominado, entre o branco e o negro.

Ao analisar de que forma se dá a outrização produtiva no romance *Omeros* (1998), de Derek Walcott, Isaias Carvalho traça considerações sobre a relação entre o turista e o nativo, as quais são pertinentes às nossas reflexões:

A relação entre os que estão no ‘alto’ – no navio de cruzeiro – com os que estão ‘embaixo’ – na pobreza, na superfície de um mar onde são jogadas moedas-esmolas como se fossem um pagamento ínfimo pelo ‘produto cultural’, ou ‘patrimônio cultural’, nos termos de Le Gris, que tiram dos meninos nativos – se dá em circunstâncias típicas de outrização simples, como parece ser o caso na maioria dos encontros turísticos entre ‘gringos’ e ‘nativos’ de países pobres, ou mesmo entre os de cima e os de baixo na hierarquia das ruas brasileiras e latino-americanas. Nesse contexto, refere-se menos do ambiente proposto por Mary Louise Pratt (1999, p. 50) – ‘nas zonas de contato, os eus modernizadores e seus supostos outros estão co-presentes, coabitando os mesmos territórios (ou os mesmos corpos), e partilhando o desafio de criar sociedades factíveis’ – e mais para ‘uma geografia de lugar nenhum ou uma geografia de não-lugares, fora-de-lugares ou pelo menos meio-lugares’. (CARVALHO, 2009a, p. 77).

É por isso que Kincaid espera que *A small place* seja lido por um tipo específico de turista, o homem branco, uma vez que se acredita que os homens e mulheres brancos advindos de países ricos sejam aqueles que dispõem de dinheiro para passear em ilhas paradisíacas, como Antígua. É por isso que ela acredita que esse homem, branco, merecer as palavras de ódio e de revolta de uma mulher negra, nativa de uma pequena ilha caribenha, a qual nunca foi pequena o suficiente para passar despercebida pelos britânicos:

*Você* desembarca do seu avião. *Você* passa pela alfândega. Já que *voce* é um turista, um norte americano ou um europeu – para ser franca, *um branco* – e não um negro antíguano voltando para Antígua vindo da Europa ou da América do Norte [...]. (KINCAID, 1988, p. 4; tradução nossa, grifo nosso).

A análise do perfil do leitor, pela autora, vai muito além de sua cor. Kincaid espera o pior do seu leitor explícito – o leitor-turista branco europeu –, uma vez que as previsíveis ações do turista são por ela duramente criticadas:

A coisa da qual você sempre suspeitou sobre você mesmo a partir do momento em que você se torna um turista é verdade: *um turista é um ser humano feio [...]. Uma coisa feia, é isso o que você é quando se torna um turista, uma coisa feia, vazia, uma coisa estúpida, um pedaço de lixo parando aqui e ali para olhar para isto e provar aquilo [...]* (KINCAID, 1988, p. 17; tradução nossa, grifo nosso).

A intencionalidade por detrás das duras críticas direcionadas a nós, leitores, reflete todo o ressentimento que permeia *A small place*, uma vez que o turismo transformou a ilha de Antígua em um gigantesco *resort* no qual a população negra trabalha para servir os turistas brancos. É possível que tamanhas críticas tenham sido veiculadas com o intuito de causar reflexão no leitor sobre o seu comportamento enquanto ser humano, uma vez que

[...] cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que sem o livro talvez não tivesse visto em si mesmo. (PROUST, 1927, *apud* COMPAGNON, 1999, p. 144).

Esse caráter reflexivo e pessoal da leitura é explorado a fundo em *A small place*, o que vai das críticas diretas ao leitor-turista à própria realidade da então miserável e explorada terra de Antígua. Sobre o caráter da leitura, Antoine Compagnon defende que:

[...] as normas e valores do leitor são modificados pela experiência da leitura. Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos –, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo que já lemos até aqui neste texto e em outros. (COMPAGNON, 1999, p. 148-149).



O tom adotado pela escritora, bem como todas as acusações que ela destina ao leitor, causa enorme estranheza a quem lê *A small place* pela primeira vez. Inicialmente, por ser muito incomum uma autora dirigir críticas e palavras de baixo calão aos seus próprios leitores e, em segundo lugar, por *A small place* ser comumente vendido como um livro de viagens em livrarias norte-americanas e sites especializados. É possível imaginar a reação de quem lê a obra pela primeira vez, acreditando ter comprado um verdadeiro guia turístico (já que é nesse gênero que é anunciada) sobre as terras paradisíacas de Antígua. Porém, ao invés de páginas e páginas descrevendo as belezas naturais da pequena ilha caribenha, o leitor irá se deparar com isto:

[...] então, quando os nativos veem você, o turista, eles te invejam, eles invejam a sua capacidade de escapar de sua própria banalidade e tédio, eles invejam a sua capacidade de tornar a própria banalidade e o tédio deles em uma fonte de prazer para você. (KINCAID, 1988; p. 19, tradução nossa).

Tamanha série de acusações reforça a outrização reativa (CARVALHO, 2012) que é exalada por *A small place*. Por isso, nota-se que as acusações proferidas por Kincaid ao seu leitor assumem proporções cada vez maiores. Tais acusações transparecem a sua inconformidade e aparente incapacidade de aceitar qualquer tipo de conciliação. Um dos momentos de maior tensão ao longo da leitura do livro em questão evidencia muito bem de que forma Kincaid enxerga o leitor de sua obra:

*Vocês* alguma vez se perguntaram por que o que todas as pessoas como eu parecem ter aprendido com *voçês* é como aprisionar e matar umas às outras, como governar de forma ruim e como tirar a riqueza de nosso país e colocá-la em contas de um banco suíço? *Vocês* já se perguntaram por que parece o que todos nós aprendemos com *voçês* é como corromper as nossas sociedades e como sermos tiramos? *Vocês* vão ter que aceitar que grande parte disso é culpa de vocês [...]. *Vocês* mataram pessoas. *Vocês* aprisionaram pessoas. *Vocês* roubaram pessoas [...] (KINCAID, 1988, p. 34-25, tradução nossa; grifos nossos).

Tais acusações desconcertantes são, por fim, o símbolo da relação entre opressor e oprimido que permeia toda a narrativa de *A small place*. Kincaid utiliza o seu livro para escancarar todo o horror vivenciado por ela e por seus conterrâneos ao longo de décadas de dominação. A literatura se torna, aí, o canal que possibilita escancarar todo o ódio advindo da repressão que os habitantes de Antígua sofreram.

### Considerações finais

*A small place* destaca-se como uma obra controversa e, sem dúvidas, como o marco do despertar do vigor crítico da voz de Antígua – em processo de emancipação pós-independência da Inglaterra. Jamaica Kincaid não demonstrou qualquer tipo de preocupação ou restrição ao expor tudo o que ela sentia por conta da dominação inglesa e da obliteração da cultura e dos costumes do povo nativo de Antígua.

Identificar a outrização reativa na obra que é o *corpus* deste estudo possibilitou estabelecer o elo entre a autora, negra, e o público que ela almeja alcançar, o público majoritariamente branco, ao qual Kincaid destina mais diretamente todo esse desabafo. Do mesmo modo, foi possível analisar inúmeros aspectos do colonialismo e a sua influência na construção da identidade do homem negro contemporâneo e apontar de que modo surgiu o “padrão de normalidade branco” e a obscuridade associada à cor negra.

Apesar dessa assinatura da escritora Jamaica Kincaid e de sua produção literária autoficcional aqui analisada na perspectiva do ressentimento, essa operação não pretendeu reduzir o valor estético e ético de sua obra. Outras facetas dessa autora podem ser fruídas e postas em análise pela leitura de obras posteriores, tais como *Lucy* (1990), *The autobiography of my mother* (1996), *See now then* (2013), *My garden book* (2001) e *Among flowers: a walk in the Himalayas* (2005), entre outras.

### JAMAICA KINCAID'S *A SMALL PLACE*: THE AWAKENING OF ANTIGUA'S VOICE

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the work “A small place” (1988), by Caribbean writer Jamaica Kincaid, through the levels of productive and reactive othering as proposed by Isaías Carvalho (2003, 2012), observable in this narrative. We also intend to present the work of this writer to the

Brazilian academic community; discuss how colonialism influenced the construction of the history of Antigua, narrated in this post-colonial text; explore the main features of the narrator in this work and highlight the relationship between the author and the audience the text is intended for. Thus, the theoretical framework used includes, among others in Post-Colonial Studies, the works of Compagnon (1999) and Fanon (1967).

**KEYWORDS:** Anglophone literature; Caribbean; Post-colonial productive othering.

## REFERÊNCIAS

BONGIORNI, Anthony. *Stay Home*: Kincaid's argument in *A small place*. [S.l.]: Literature of the Caribbean, 2002. Disponível em: <<http://www.postcolonialweb.org/caribbean/kincaid/bongiorni2.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

CARVALHO, Isaías Francisco de. Ladrões de imagens nos encontros culturais em *Omeros*. *Revista Querubim*. Ano 05, n. 09, p. 74-80, 2009a. Disponível em: <[http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/querubim\\_9.pdf](http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/querubim_9.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2014.

CARVALHO, Isaías Francisco de. *Omeros e Viva o povo brasileiro*: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido. 170f. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARVALHO, Isaías Francisco de. O narrador pós-colonial. I CONLIRE - Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. 2009b. *Anais do I CONLIRE*. Ilhéus, Bahia: UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. Disponível em: <[http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire\\_anais/anais-19.pdf](http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-19.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas).

ESTEVES, Laurenci Barros; NASCIMENTO, Darling Moreira do. O ethos e a ideologia no discurso político de Dilma Rousseff. *Linguagem* (São Paulo), v. 17, p. 1-12, 2011. Disponível em <<http://tinyurl.com/8he5z1q>>. Acesso em: 22 out. 2013.

FANON, Frantz. *Black skin, white masks*. Tradução do francês por Charles Lam Markmann. New York: Grove Weidenfeld, 1967.

KINCAID, Jamaica. *A small place*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1988.

KINCAID, Jamaica. Kay Bonetti's "An interview with Jamaica Kincaid". *The Missouri Review*, vol. 25. no. 2, summer 2002. Disponível em: <[http://www.missourireview.com/content/dynamic/view\\_text.php?text\\_id=1947](http://www.missourireview.com/content/dynamic/view_text.php?text_id=1947)>. Acesso em: 15 out. 2015.

KINCAID, Jamaica. On Seeing England for the First Time. *Transition*. n. 51 (1991), p. 32-40. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2935076>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins fontes, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. The Rani of Sirmur: an essay in reading the archives. *History and theory*. v. 24, n. 3, outubro de 1985. p. 247-72. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/2505169>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

*Recebido em 30/04/2016.*  
*Aprovado em 20/05/2016.*